

DIFICULDADES VIVIDAS POR ENFERMEIROS NA ASSISTÊNCIA À MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA NO ÂMBITO DA ATENÇÃO PRIMÁRIA¹

Amanda Gomes Alves²
Neurilene Germano da Silva²
Kaelly Virgínia de Oliveira Saraiva³
Arisa Nara Saldanha de Almeida⁴
Dafne Paiva Rodrigues⁵
Ana Ciléia Henriques Pinto Teixeira⁶

INTRODUÇÃO: A violência contra a mulher não é um fenômeno recente. Essa prática absurda e inaceitável prolonga-se há décadas, sendo um mal que atinge todas as camadas sociais e que vem ganhando visibilidade através de movimentos feministas, que passaram a denunciar as agressões sofridas por seus companheiros, tornando-se um problema de saúde pública. Os profissionais de saúde, em especial a enfermagem, estão em contato direto com a maioria das vítimas, pois é nos serviços de saúde que normalmente buscam ajuda e tratamento para seus males. Por esse motivo, a enfermagem necessita de uma visão mais ampliada acerca do assunto, para melhor abordar as vítimas e intervir adequadamente perante cada caso. No entanto, a prática tem mostrado que ainda se faz necessário discutir os modos de cuidar em enfermagem à mulher vítima de violência, para buscar aprofundar conhecimentos que reflitam o exercício de enfermagem – sobre “O que fazer? Como fazer? e Por que fazer?” – de modo que esse atendimento se faça de forma singular e específica. Por perceber uma deficiência na atuação dos profissionais diante dessa problemática, nos instigou a desenvolver um estudo que possa identificar quais os fatores estão relacionados às dificuldades no atendimento do enfermeiro às mulheres vítimas de violência doméstica. **OBJETIVO:** Identificar as dificuldades encontradas pelo enfermeiro ao se deparar com mulheres em situação de violência na atenção primária. **DESCRIÇÃO METODOLÓGICA:** Trata-se de estudo de caráter qualitativo com abordagem descritiva, no qual foram entrevistados 10 profissionais que atuavam em três Unidades Básicas de Saúde da Regional I no município de Fortaleza – CE, tendo estas sido selecionadas de forma aleatória. Participaram do estudo enfermeiros que possuíam mais de um ano de experiência na Estratégia Saúde da Família e que prestassem atendimento direto à população, sendo considerados apenas os casos atendidos nas unidades básicas de saúde com foco na violência contra a mulher. Para o estudo, abrangeram-se os mais

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Enfermagem da Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza/FAMETRO.

² Enfermeiras formadas pela Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza- FAMETRO.

³ Enfermeira Obstétrica. Doutora em Enfermagem – UFC. Docente da Faculdade Terra Nordeste- FATENE.

⁴ Enfermeira. Doutoranda em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde- UECE. Docente da Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza- FAMETRO. E-mail: arisanara@gmail.com.

⁵ Enfermeira Obstétrica. Doutora em Enfermagem - UFC. Docente e vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde/PPCCLIS- UECE. Líder do Grupo de Pesquisa Saúde da Mulher e Enfermagem - UECE e Tutora do Programa de Educação Tutorial- PET/ Enfermagem/UECE.

⁶ Enfermeira. Doutoranda em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde- UECE. Mestre em Saúde Pública/FAMED/UFC. Docente da Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza/FAMETRO.

distintos aspectos da violência, não restringindo apenas a esfera da violência sexual/física. A amostra foi obtida por saturação, com a qual as coletas foram cessadas a partir do momento em que as respostas passaram a se repetir e nada de novo pode ser acrescentado ao pesquisador. A caracterização da amostra foi obtida a partir de um formulário contendo informações sobre idade, sexo, tipo de instituição formadora (pública/privada), tempo de formação profissional e atuação na assistência primária e de uma entrevista com formulário semiestruturado contendo questões referentes à atuação/conduitas dos profissionais mediante a percepção da condição de violência doméstica sofrida pela mulher, enfatizando as dificuldades encontradas no atendimento. As entrevistas foram realizadas no período de abril a maio de 2013, tendo sido concedida à permissão para gravação das mesmas e posteriormente transcrição. Utilizou-se a técnica de Análise de Conteúdo de Bardin para tratamento dos resultados. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria de Saúde do Estado do Ceará SESA/CE, sob o processo nº 232.744.

RESULTADOS: A amostra foi composta por 10 profissionais enfermeiros, os quais 90% eram mulheres, com idade média de 39 anos, média de 14 anos de formação e nove anos de atenção primária. 60% formaram-se em instituição pública e 80% afirmaram nunca ter tido um curso de capacitação relevando a temática de violência contra a mulher. Na percepção dos profissionais entrevistados, as dificuldades na assistência se dão por distintas razões. Dentre os fatores encontrados destacam-se a deficiência no diálogo com a mulher sobre o assunto, despreparo psicológico do profissional frente esta situação, lacunas na formação profissional e escassez de capacitação. Cita-se também o desconhecimento das redes de apoio e das fichas de notificação, constituindo em elementos de importante relevância. A insegurança, a sobrecarga de trabalho e a falta de uma equipe multidisciplinar foram amplamente discutidas pelos entrevistados. Os profissionais de saúde estão em posição privilegiada por ser um dos primeiros a entrar em contato com as mulheres vítimas da violência, independentemente do agravo à sua integridade física e/ou psicológica, porém, identifica-se que um dos principais entraves para a adequada assistência à mulher vítima de violência é não saber como lidar ou conduzir a situação, fato que foi ressaltado pelos profissionais no estudo. A dificuldade de reconhecimento desta violência contribui para sua invisibilidade e, desta forma, para o silenciamento destas mulheres nos serviços de saúde. Percebeu-se que a maioria dos profissionais não foi sensível a reconhecer a situação de violência, alegando que, nos casos atendidos, a percepção se deu através de manifestações físicas visíveis ou pelo relato das próprias vítimas. Assim como todos os entrevistados salientaram o anseio em se sentirem mais preparados para prestar esse tipo de assistência, a literatura também demonstra a carência de educação formal e treinamentos dos profissionais acerca do tema, o que constitui um importante obstáculo para a tomada de condutas efetivas no combate a este agravo de saúde pública. A ausência ou desconhecimento da rede de atendimento ainda contribui para que os profissionais que atuam na atenção básica sintam-se limitados ou incapazes de abordar a questão na sua prática assistencial. Ressalta-se que as instituições de saúde não disponibilizam investimentos necessários referentes à criação de uma cultura institucional voltada à identificação de ações nas quais os profissionais de saúde estejam instrumentalizados e respaldados para enfrentar esse tipo de situação, o que foi justificado pelos entrevistados pela falta de um ambiente adequado para realizar esta abordagem e pela insegurança da possibilidade de procura do agressor no serviço, que não consta com recursos para assegurar a integridade física do profissional. **CONCLUSÕES:** Observou-se no presente

estudo que a violência contra a mulher ainda se configura um grande desafio para a atenção primária, pois vários são os fatores que contribuem para a deficiência na assistência. Embora existam programas e diretrizes disponíveis para assistir os profissionais na atuação com mulheres em situação de violência, não há na prática um manejo de ações que visem preparar o profissional para sua realidade, acarretando no despreparo do mesmo, repercutindo assim, na qualidade da assistência ofertada. **IMPLICAÇÕES PARA A ENFERMAGEM:** Diante da magnitude dos problemas apresentados, acredita-se que esta pesquisa possa fornecer dados que venham a ser utilizados em estudos posteriores, que visem desenvolver ações capacitatórias aos profissionais que prestam este tipo de assistência, visto que esta deficiência foi o aspecto mais enfatizado pelos entrevistados. Constituindo-se os enfermeiros como os profissionais com maior possibilidade de atuação diante destes casos, acredita-se que seu protagonismo nesta assistência pode ser fortalecido através de ações que os capacitem para tal. **REFERÊNCIAS:** Monteiro CFS, Araújo TME, Nunes BMVT, Lustosa AR, Bezerra CMJ. A violência contra a mulher atendida em unidade de urgência: uma contribuição de enfermagem. Esc. Anna Nery R. enferm, 2006; 10(2): 273-9. Moreira SNT, Galvão LLLF, Melo COM, Azevedo GD. Violência física contra a mulher na perspectiva dos profissionais de saúde. Rev. Saúde Pública, 2008; 42(6): 1053-9. Vieira LB, Padoin SMM, Souza IEO, Paula CC, Terra MG. Típico da ação das mulheres que denunciam o vivido da violência: contribuições para a enfermagem. Rev. de Enfermagem UERJ, 2011; 19(3): 410-4.

Descritores: Violência contra a mulher; Cuidados de enfermagem; Enfermagem.

Eixo 1: Protagonismo no Cuidar.